

## Editorial

Finalizamos o ano de 2017 com o tema *Criança*. Temos a expectativa de colaborar para que os colegas compreendam este número como um conjunto de artigos que vão além da psicanálise infantil; o que almejamos é a criança da psicanálise.

O último número temático sobre criança na RBP foi *Psicanálise de crianças e adolescentes*, em 1996 (vol. 30, n. 1). Vale a pena uma leitura comparada 21 anos depois.

É sempre interessante retomar e contextualizar brevemente a noção de criança na história da humanidade. Na Idade Média a criança não existia enquanto individualidade. A ideia e o sentimento de infância que temos hoje não existiam em tal período, como nos mostram os clássicos estudos de Ariès (1981).

A criança individualizada surge entre o final do século XVI e o início do XVII, quando alcança um lugar diferenciado na sociedade, que passa a vê-la como uma força de trabalho, e portanto uma categoria geradora de riqueza, para a família, o Estado e a sociedade.

A qual criança estamos, especificamente, nos referindo neste número? À criança da psicanálise, aquela que está sempre presente no anacronismo temporal proposto por Freud, seja na análise de crianças propriamente dita, seja no trabalho com adultos. Freud transformou o entendimento da noção de criança ao reconhecer a sexualidade infantil.

A concepção de criança (mesmo que atemporal, sempre é uma construção/criação) e o sentimento de infância (temporal/cronológico) são da ordem da cultura, são instituídos ao mesmo tempo que transitórios, porque podem mudar conforme as transformações da humanidade.

Em resposta a nosso convite, a RBP recebeu vários artigos centrados na análise de crianças e em suas vicissitudes.

Na parte temática procuramos contemplar alguns aspectos da clínica atual. A contribuição da psicanalista francesa Anne Brun, ainda não tão conhecida no Brasil e que trabalha com o dispositivo de atendimento das mediações terapêuticas, merece atenção.

Já os artigos de colegas brasileiros sobre semiótica, metapsicologia, teoria da técnica, lugar do analista de criança, psicose infantil e autismo nos trazem o vigor da nossa produção.

Na seção “Interfaces”, a presença esperançosa do pediatra Leonardo Posternak, por meio de uma série de experiências, um vasto conhecimento científico e humanista, novas ideias e questionamentos, nos convoca a um encontro verdadeiro, não preconceituoso, entre psicanálise e medicina (no caso, pediatria), indagando-nos:

como pode a psicanálise auxiliar a pediatria para esta ter uma visão do universo da criança menos inocente e mais global e integradora? De quais ferramentas da psicanálise a pediatria deveria apoderar-se para que sua tarefa não seja estereotipada e incompleta? Como podem se enriquecer mutuamente as práticas da pediatria e da psicanálise infantil? (p. 134)

Um desafio e tanto para nós, psicanalistas do novo milênio.

Na seção “Diálogo”, temos uma entrevista com o psicanalista sueco Björn Salomonsson, que no último Congresso Internacional da IPA, em Buenos Aires, em julho de 2017, teve um trabalho apresentado como *keynote paper* do evento. Sua entrevista conversa com a seção “Projetos e pesquisas”, pois ele nos conta sobre o seu método de pesquisa, de estudo controlado, com resultados clínicos obtidos em escala grupal e avaliações feitas por examinadores independentes com instrumentos padronizados. Outro ponto importante é sua preocupação com a participação da psicanálise no âmbito das políticas públicas para a primeira infância.

Em “Outras palavras”, temos artigos que consideram a criança a partir de outros ângulos, mas que visam a enriquecer a seção temática. Há um entrelaçamento entre as seções.

“História da psicanálise” abre seu espaço para apresentar um trabalho sobre a história da psicanálise em Minas Gerais, respeitando a nossa linha editorial de sair do eixo SP-RJ-RS e contemplar outros recôncavos da psicanálise em nosso país. Cabe lembrar que o próximo Congresso Brasileiro, daqui a dois anos, acontecerá em Belo Horizonte, Minas Gerais. O trabalho de Rodrigo Afonso Nogueira Santos nos mostra as particularidades da implantação da psicanálise em Minas Gerais, o que nos ajuda a compreender o caldo de cultura que influencia a psicanálise local.

A seção “Projetos e pesquisas” apresenta o *think tank* sobre o futuro da psicanálise e da Associação Psicanalítica Internacional, uma ideia de Leopold Nosek apoiada pela nova diretoria da IPA, em Buenos Aires, em julho de 2017. O artigo de Nosek pode ser lido como um texto fundante desse projeto, cuja ideia central é que a geração atualmente no poder deve se permitir ser fertilizada pelos mais novos e possibilitar a abertura dentro da IPA para o novo. Vale conferir.

Na mesma seção, temos a investigação “Sinais de mudança em autismo: Prisma, um instrumento de pesquisa”, organizada por colegas e subsidiada pela IPA, a fim de demonstrar a efetividade do tratamento psicanalítico de crianças com transtornos autísticos.

Na seção “Resenhas”, fizemos um esforço para publicar o máximo possível de textos sobre livros de colegas da Febrapsi e entrar em 2018 sem atrasos. Acredito que conseguimos limpar nossos arquivos.

Para concluir, destaco o fato de que a chamada para este número trazia uma indagação atual: “O que nos diz a criança em nossos consultórios?”. Certamente vocês não encontrarão uma resposta. Podemos dizer que arriscamos uma aproximação. Entretanto, caberá aos leitores, no espectro dos trabalhos publicados, captar de onde vem a melodia.

Boa leitura a todos! Até 2018.

## Referências

Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (D. Flaksman, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

Marina Massi

Editora

marinamassieditora@rbp.org.br